
RECEPÇÃO E FORTUNA CRÍTICA DE
ESCRITORAS BRASILEIRAS NO *ALMANAQUE*
DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO

Reception and critical resources of
Brazilian women writers in *Almanaque*
de Lembranças Luso-Brasileiro

Vania Pinheiro Chaves¹

RESUMO: Desde a sua fundação em 1850, o *Almanaque de Lembranças* assumiu como seus principais objetivos a formação de um amplo público-leitor, a divulgação da obra de escritores canônicos e a orientação de novas vocações literárias. Interessando-se portanto pela produção de escritoras brasileiras, não se eximiu do comentário dos seus textos. Este artigo visa a demonstrar que é numerosa a publicação de escritos de autoria feminina provenientes do Brasil e que, ao contrário, é muito escassa a fortuna crítica dessas escritoras exarada em textos que se enquadram em subgêneros típicos do século XIX, tais como o comentário biobibliográfico e a crítica de belezas (e defeitos).

PALAVRAS-CHAVE: *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; Autoras brasileiras; Escritos; Fortuna crítica.

ABSTRACT: Since its foundation, in 1850, the *Almanaque de Lembranças* has assumed as its main objectives the education of a wide readership, the dissemination of canonical writers and guidelines of new literary talents. Interested, therefore, in the work of Brazilian women writers, did not exempt from commenting on their texts. This article aims to demonstrate that the published work of female authorship from Brazil is numerous and, in contrast, the critical resources of these writers are very scarce, exarated in texts that fit into typical subgenres of the nineteenth century, such as the biobibliographic commentary and the criticism of beauties (and defects).

KEYWORDS: *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; Brazillian women writers; Writings; critical resources.

O Grupo de Investigação 6 do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL) vem desenvolvendo, desde 2010, um vasto projeto de pesquisa

¹ Docente aposentada da Universidade de Lisboa e pesquisadora do CLEPUL.

sobre a produção feminina do *Almanaque de Lembranças* — posteriormente intitulado *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*² — que, lançado em 1850 por Alexandre Magno de Castilho, continuou a ser editado até 1931.³ O primeiro fruto dos nossos estudos se corporizou na publicação, em 2014, pela Biblioteca Nacional de Portugal, de um catálogo da produção de autoria feminina (CHAVES et al., 2014) daqueles anuários. Com ele inauguramos a coleção “Senhoras do Almanaque”, que reunirá um conjunto de antologias das mais significativas colaboradoras luso-afro-brasileiras da coletânea iniciada por Alexandre Magno, acompanhadas por um estudo crítico, pela biobibliografia de cada uma delas e pela análise do contexto histórico-cultural em que se situaram⁴.

Os investigadores do GI 6 já muito têm escrito sobre o *Almanaque de Lembranças*, mas convém recordar que ele teve tiragens avultadas e integra o subgrupo dos *almanaques literários*, pois, além de difundir informação sobre o ano vindouro e conhecimentos muito variados, apresenta composições literárias e passatempos. Sem desviar-se do rumo traçado pelo seu idealizador, o anuário sofreu transformações consideráveis no longo período em que circulou, tendo ampliado a sua extensão (num curto período chegou mesmo a juntar um Suplemento) e diversificado as suas matérias. Incluía, de início, o calendário português (datas de cariz religioso, político e social), informações sobre feiras, eclipses, marés, pesos, medidas, selos, taxas alfandegárias, etc, a par com notas do editor e pequenos textos de natureza vária, apensos aos dias do ano. Posteriormente artigos, poemas e passatempos — da autoria dos editores e de colaboradores — deixaram de estar ligados aos dias do ano e se tornaram o objeto principal da coletânea. Todavia os editores/diretores se mantiveram como fio condutor da coleção, determinando a sua natureza e ideologia, responsáveis que eram pelas informações, textos e autores que nela figuram, pela redação de escritos de opinião, pela correspondência com os leitores, pelos agradecimentos e registros fúnebres. Daí ser importante frisar que eles eram figuras prestigiadas, com reputação sólida e cultura elevada.

² Foram atualizados, de acordo com a nova ortografia do Brasil, títulos, nomes de autores e citações extraídos destes almanaques.

³ Diferentemente do que é regra, nas referências bibliográficas indicar-se-á aqui o ano a que os almanaques se destinam e não o da sua publicação, daí a não utilização de vírgula separando a sigla do anuário e do ano em causa.

⁴ Foi editada em 2017 a primeira antologia da coleção: *Anália Vieira do Nascimento 1854-1911*. Lisboa, BNP; CLEPUL; CICS.NOVA, 2017.

Já nos primeiros números, Alexandre Magno de Castilho manifestou o desejo de que o *Almanaque de Lembranças* unisse fortemente o Brasil a Portugal, estreitando “os vínculos de sangue que mutuamente nos prendem” (*ALLB*, 1856, p. 27). Dado que a defesa das relações, da história e da cultura comum de Portugal e do Brasil era objetivo fulcral da coleção, — que se tornou “lusu-brasileira”, a partir do quinto volume,⁵ — a colaboração de brasileiros nela cedo se fez regular e intensa. Propósito igualmente significativo de Castilho diz respeito à presença da mulher no seu anuário, não só como tema e leitora, mas também como escritora. Daí que os dois primeiros volumes tenham sido dedicados às suas filhas — o de 1851, a Emília Augusta de Castilho e o de 1852, à memória de Henriqueta, falecida em 1848 — e que, no Prólogo do volume inaugural, ele tenha explicado ser o seu “livrinho ameno, próprio para todos os paladares, e de inegável utilidade ao mesmo tempo para todas as classes” (*AL*, 1851, p. 17). No ano seguinte, Castilho exulta com o fato de o seu almanaque ter sido “acolhido e festejado [...] por um e outro sexo” (*AL*, 1852, p. 15) e apresenta, como prova desse êxito, a recepção de uma de suas filhas, que colhera “variadíssimo número de ideias estranhas [...] da leitura assídua, regular, meditada e explicada por [ele] de todos os artigos” (*AL*, 1852, p. 17).

A valorização da mulher ganha maior destaque num dos escritos de abertura do *Almanaque* para 1858. Neste texto, intitulado “Às Damas” e a elas endereçado, o editor se congratula por lhes ter aberto as páginas do seu florilégio, afirmando que

apesar das preocupações, que ainda de todo entre nós se não acabaram, de uma não sei que obscura e maometana destinação, ou condenação, das mulheres à clausura doméstica e à silenciosa abstenção de todas as palestras da inteligência, o número das que se estreiam, ensaiam, excitam, ou colhem palmas, nas lides literárias, tem vindo a crescer nestes nossos torneios dos bons engenhos até este ano, em que foi o mais avultado. (*AL*, 1858, p. 19)

Espírito progressista e pertinaz defensor da participação da mulher no espaço cultural, Castilho conclui parabenizando tais escritoras, cujo

⁵ O interesse pela participação brasileira evidencia-se bem no fato de diversos números do *Almanaque de Lembranças* oferecerem facilidades para o envio de textos ao editor. Em alguns deles se diz: “Os artigos que de qualquer ponto do Brasil nos hajam de ser mandados, poderão sobrescritar-se ao *Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha*, no Rio de Janeiro, por quem, pronta e obsequiosamente, nos serão remetidos” (*ALLB*, 1860, p. 4).

exemplo entende contribuir “para que se vá elevando à devida altura a educação, o brilho e a influência de um sexo, que Deus fadou visivelmente para trazer sempre à humanidade as mais nobres aspirações” (AL, 1858, p. 19).

O apreço pelas mulheres já fora evidenciado num elogioso artigo de António de Serpa, intitulado “A mulher” e publicado no anuário para 1854 (AL, 1854, p. 343-4). Este artigo vem precedido por esta significativa nota do editor:

Como corretivo ao epigrama: “A maldade das mulheres” (A. 53. p. 257), que transcrevemos, não porque aprovássemos a matéria dele, mas só para dar ideia do alto ponto a que chega a imaginação espanhola, transcreveremos hoje o seguinte artigo do nosso distinto poeta o Sr. António de Serpa: oxalá nos reconcilie com a senhora leiriense, que nos escreveu sobre o tal epigrama uma carta das mais espirituosas, a que muito sentimos não poder logo responder, por não vir assinada. (AL, 1854, p. 343)

Saíram também neste volume os primeiros cinco escritos de autoria feminina⁶ da coletânea: o texto em prosa “Usos e prejuízos no Minho”, de Maria Peregrina de Sousa, assinado com o pseudônimo Obscura Portuense (AL, 1854, p. 135-136); e os poemas “Um cipreste”, de Antônia Gertrudes Pusich (AL, 1854, p. 150-151), “Canto ao amanhecer”, de Maria Rita Colaço Chiappe (AL, 1854, p. 222-223), “*La mort c'est ici bas la fin de toute chose!...*”, de Elisa Morin (AL, 1854, p. 327-328), e uma elegia “À chegada a Lisboa do cadáver de S. A. I. a princesa D. Maria Amélia”, de Maria José da Silva Canuto (AL, 1854, p. 370-371).

O nosso *Catálogo da produção de autoria feminina* do almanaque em estudo elenca 1275 escritoras, com um total de 3.979 escritos. Desse considerável número de “Senhoras” — designação empregue nos índices,⁷ boa parte redigiu apenas 1, 2 ou 3 textos e muito poucas, mais de uma dezena, o que ocorre também com a colaboração masculina. E tal como esta, a produção das mulheres abarca poesia, artigos em prosa e passatempos, subconjunto em que mais avultada é a sua presença e ao qual algumas se

⁶ A colaboração masculina principia dois anos antes.

⁷ Como referi num artigo de 2011 (CHAVES, 2011), constitui traço curioso e elucidativo do pensamento que preside à construção do nosso almanaque o fato de as mulheres nele editadas serem colocadas num índice próprio com a designação “Senhoras”, enquanto os homens aparecerem noutro índice referidos como “Autores”.

dedicaram com exclusividade. O conjunto das Senhoras, como o dos homens, engloba pouquíssimas figuras ilustres, a par com um grande número de outras pouco conhecidas ou mesmo totalmente ignoradas nos dias de hoje. Dentre as primeiras servem de exemplo Georges Sand, Soror Violante do Céu, Maria Amália Vaz de Carvalho; dentre as demais, Guiomar Torresão, Inês Sabino, Maria Belmira de Andrade, Anália Vieira do Nascimento.

Tais escritoras situavam-se, na altura da publicação de seus textos ou em época anterior, quer em Portugal, quer nas suas colônias, quer no Brasil, quer noutros países. No que se refere à participação de mulheres lusófonas é ainda de assinalar que elas se espalhavam por todo o território português e brasileiro, o que revela a ampla difusão da coletânea por esse vastíssimo espaço. Não é, contudo, possível saber quantas e quais são, no anuário, as colaboradoras portuguesas, luso-africanas, brasileiras e doutras nacionalidades. O desconhecimento da origem de algumas delas decorre também do fato de elas se ocultarem por trás de pseudônimos que ainda não foi possível decifrar. De qualquer modo, com apoio ou não no local por elas indicado, pode-se apontar a preponderância de autoras provenientes do Brasil, o que soma 710 nomes, ao passo que são apenas 421 as Senhoras nascidas/residentes em Portugal ou nas suas colônias e 144 as situadas noutros espaços ou sem localização explícita.

Como sustentamos noutro ensaio (cf. CHAVES; LOUSADA, 2014), a grande participação de autoras oriundas do Brasil não se explica apenas pelas dimensões continentais do país, pois o projeto levado a cabo pelo *Almanaque de Lembranças* visava o aprofundamento das relações com aquela ex-colônia de Portugal. Por sua vez, o predomínio de colaboradoras lusófonas coevas radica basicamente na função pedagógica que Alexandre Magno de Castilho e seus sucessores atribuíam aos seus “livrinhos”, como foi enunciado já no prólogo do primeiro, quando Castilho refere o proveito que terá todo(a) aquele(a) que “se der ao pequeníssimo trabalho de ler quotidianamente, e com atenção, os respectivos artigos, have[ndo] por fim adquirido sem esforço uma considerável soma de conhecimentos” (AL, 1851, p. 17). Tal função se manifesta claramente na Correspondência que os editores mantinham com aquele(a)s que ambicionavam colaborar no almanaque ou que o liam, como fica patente nos seguintes fragmentos:

R. S. (Viana) — Que suprima a palavra *beijo* todas as vezes que aparecer numa poesia!... Meu amigo, outra vida. Eu sei muito bem onde acaba a liberdade poética, e onde principia o desaforo de linguagem, e não haja medo que eu permita jamais que nos artigos publicados nos meus Almanques se

transponham as barreiras prescritas pela decência; se porém levarmos a severidade ao ponto de eliminar a palavra *beijo* de uma poesia quando as três quartas partes e meia das vezes não pode essa palavra ser tomada senão como demonstração de afeto puro, extremoso, real, e verdadeiro, poremos um dique à impetuosa torrente de uma poética imaginação, e degeneraremos em tartufos. A carta a que respondo faz-me ver que há Vestais d'ambos os sexos. Quem quiser ler só artigos místicos, é comprar o *Flos Sanctorum*. (ALLB, 1856, p. 32)

S. S. (Londres). — À espirituosa e amável compatriota em Londres envio os meus agradecimentos pela carta com que se dignou honrar-me em 27 de Maio. A poesia que a acompanhava já chegou tarde para ser publicada no Almanaque de 1857. O que disso me consola é que já neste volume se acha uma página embelezada com o nome da apreciável autora, que ao seu mérito literário reúne o mais acrisolado amor pátrio. [...] Ainda bem que a saudade a chama ao torrão natal, e que nele espera proximamente achar-se [...] e então de viva voz lhe submeterei algumas respeitosas observações sobre a sua linda poesia *Helena e Carlota*. (ALLB, 1857, p. 6)

UMA CONIMBRICENSE. — São muito chistosas e difíceis de adivinhar as suas charadas, o que lhes redobra o mérito. A charada fez-se para pensar um bocado, e se se caça no ar, não preenche o fim. (ALLB, 1859, p. 26)

Pertencem a Alexandre Magno os comentários transcritos, assim como o desabafo expresso numa nota introdutória intitulada “Poesias” do almanaque para 1860:

Por Cristo e por quantos santos há na corte do céu, não me matem com versos! Nisso já pouco se admite hoje a mediocridade, e a maior parte das poesias que se me remetem está cem graus abaixo do mau. [...] Antes uma página de boa prosa do que outra de versos detestáveis. (ALLB, 1860, p. 6)

Embora extensa, a participação das mulheres no *Almanaque de Lembranças* é muitíssimo menor que a dos homens, ficando-se — numa contagem ainda provisória — por cerca de 15% do total de colaborações

assinadas pelos dois sexos. A análise do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para 1882 revela a existência de 331 textos assinados com nomes, iniciais ou pseudônimos masculinos e femininos, dos quais apenas 50 foram escritos por mulheres (13,8%). Dos textos de autoria feminina são apenas 7 os artigos em prosa (14%), 23 os poemas (46%) e 20 os passatempos (40%). Ficam portanto evidentes a sempre diminuta produção feminina de artigos em prosa e a bem mais elevada escrita de poemas.

Não se manifesta, contudo neste volume, a curiosa e frequente preponderância na produção feminina de passatempos comparativamente aos dois outros tipos de escritos. Da atração das mulheres-escritoras pelos passatempos — inclusive daquelas que têm uma sólida formação cultural e uma atividade profissional — dá prova a Doutora Maria Augusta Meira de Vasconcelos Freire, residente no Brasil (PE e BA) que, entre 1893 e 1927, viu aceitos pelos editores da nossa coletânea 3 logogrifos, 3 enigmas e 26 charadas. A sua complexa criatividade fica patente na charada que ela publicou no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para 1913, p. 201:

Charada

Retribuição aos Exmos. Srs.: D. Déa Flora de Lima,
D. Alice Rosa Penalva, Dr. Sinalva e Dr. M. Lídio Franco

Agita-se nos povos civilizados
Do salário em litígio a grã questão. — 2
Sociólogos dos mais abalisados
Procuram do problema a solução.

Consideram os meios adequados
Pra minorar do pobre a condição,
Economistas dos mais celebrizados
Porfiam pra chegar à conclusão.

No entanto bem pouco se tem feito
Pelo pobre que em luta pela vida
Tem o suor roubado pelo imposto. — 2

Na tribuna proclamam seu direito,
Mas continua a faina desabrida
E a imprensa se conserva no seu posto.

Dra. D. Maria Augusta M. V. Freire (Recife).

Ernesto Rodrigues considera que as charadas, os enigmas e os logogrifos são “os passatempos que mais esforço intelectual requerem dos leitores da Imprensa de recreio e de almanaques” (RODRIGUES 2011, p. 214), mas é, sem dúvida, maior o talento e o trabalho de elaboração exigido aos seus criadores, que os compõem quer em prosa, quer em versos, metrificados ou livres, brancos ou rimados, organizados ou não em estrofes.

A charada-soneto da doutora Maria Augusta Freire é, como na generalidade dos poemas da mesma espécie, formada por 14 versos organizados em 2 quadras seguidas por 2 tercetos. Seus versos são decassílabos — excetuado o primeiro que tem 11 sílabas, o que talvez se explique por má transcrição do original — predominantemente heroicos. O esquema rímico do poema tem feição clássica (ABBA + CDE). Sintaticamente corretas, algumas das suas frases apresentam inversões estilísticas. Interessantes e invulgares são o assunto abordado e a perspectiva crítica assumida pela autora que denuncia um problema de natureza econômica: a redução (“roubo”) do salário dos trabalhadores pobres devido à cobrança de impostos excessivos. Embora os prejudicados reclamem os seus direitos, a situação mantém-se, todavia a imprensa permanece atenta. Daí que a palavra-solução do passatempo transcrito seja JORNALISMO que, de acordo com as indicações da charadista, é constituída por duas outras relacionadas com os seguintes versos do soneto acima:

Do salário em litígio a grã questão — 2: JORNA
Tem o suor roubado pelo imposto — 2: LISMO⁸

A solução da charada põe em evidência a importante função desempenhada pela imprensa periódica na sociedade moderna. Note-se ainda que o passatempo construído pela doutora Maria Augusta é oferecido a duas mulheres e a dois homens, em retribuição, o que aponta para a rede de comunicação construída na coletânea. Fica ainda por esclarecer uma dúvida: serão tais interlocutores outros colaboradores do almanaque ou figuras conhecidas da sociedade luso-brasileira da época.

A pesquisa que estamos realizando no *Almanaque de Lembranças*⁹ demonstrou, contudo, que a boa acolhida da colaboração feminina — e, o que

⁸ No dicionário de Caldas Aulete (1964), o substantivo “lismo” tem no Minho o significado de “matéria viscosa que cobre o corpo dos peixes”.

⁹ Na pesquisa para esse ensaio pude contar com a colaboração das doutoras Maria Manuel Marques, Maria Carlos Lino e Maria João Nobre, investigadoras do GI 6 do CLEPUL, a quem expressei os meus agradecimentos.

aqui nos interessa, a de escritoras brasileiras ou apenas residentes no Brasil — difere enormemente da fortuna crítica que as mulheres-escritoras nele usufruíram, sobretudo quando comparada com a dos seus pares do sexo masculino.

Como já foi referido, a seção intitulada “Correspondência” constitui um espaço de recepção de colaboradore(a)s/escritore(a)s pelos editores que, em textos breves elogiam ou censuram aquele(a)s que lhes enviaram os seus escritos. Da recepção desfavorável e conseqüente recusa de publicação servem de exemplo os seguintes fragmentos:

C. M. F. (Trás-os-Montes) — Das duas poesias que V. Exa. me enviou só publico uma por ser a outra ao mesmo objeto, e em grande parte repetição das mesmas ideias. Oxalá que muitas senhoras imitassem o exemplo de V. Exa. e embelezassem com o seu nome algumas páginas mais do meu *Almanaque!*... Entretanto não há razão de queixa. (*ALLB*, 1858, p. 30-31)

Africana Queixosa — Bem quiséramos juntar mais um nome à lista dos que honram e embelezam as páginas deste almanaque, e este nome é o da *Africana queixosa*, mas ainda para isso se nos não deparou ocasião propícia. A “Curandeira milagrosa” cremos que se perdeu na viagem, pelo menos não podemos dizer se é bonita ou feia porque não nos recordamos de a ter visto. A “Introdução do trigo na América” pareceu-nos matéria pesada demais para mãos delicadas. A “Sentença de Lutero” dava duas linhas, e duas linhas são pouquíssimo para uma estreia. Estamos justificados? (*ALLB*, 1863, p. 27)

Anônima Humilde — Muito simpática a sua tenacidade, em que lhe aconselhamos não afrouxe. A sua “História simples” podia valer alguma coisa como trabalho escolar. Para o grande público é demasiado pueril e para nós, um pouco comprida demais. Perdoe-nos ainda desta vez! (*NALLB*, 1914, p. 65)

Diferentemente de algumas das suas pares teve sempre excelente acolhimento a escritora gaúcha Anália Vieira do Nascimento (Porto Alegre, 1854-1911) que colaborou no anuário por vários anos. Na

“Correspondência”, o editor comunica-se inúmeras vezes com Anália¹⁰ através do anagrama AILAN(N)A, não só para a estimular ou louvar os seus escritos, mas também para lamentar a sua ausência:

AILANNA — MADRUGADORA DEVOTA (Brasil) —
Manifestamos um desejo! Mais ainda, fazemos um voto, e é da
raiz do coração. Praza a Deus que nunca chegue a
desencordoar-se a lira que tanto promete, e de que tanto há
ainda a esperar. (*NALLB*, 1878, p. 50)

O mesmo editor saúda o regresso da escritora gaúcha às páginas do almanaque na nota que precede a publicação do poema “A volta”, em que ela explica o motivo da sua ausência:

Voltou. — O ano passado, ao encerrar este anuário, vendo que nele faltava o nome de uma das suas mais queridas e talentosas colaboradoras, porque nos não visitara, escrevemos na Correspondência: “Que é feito da Madrugadora? Que é feito da Devota? Perguntamos, por costumados que estávamos a vê-la, e ninguém nos responde!... Não haverá um eco que em 1885 nos diga: Voltou — Aqui está?” Fomos ouvidos. — Voltou. E dá-nos o motivo da sua ausência, que muito sentimos. Nos seguintes versos, que do coração lhe agradecemos. (*NALLB*, 1885, p. 367)

Igual apreço têm por Anália Vieira do Nascimento os seus pares masculinos e femininos, conforme se lê nos fragmentos transcritos abaixo:

Salve!

À insigne poetisa porto-alegrense D. Anália Vieira do
Nascimento.

O som mavioso que soltas na lira
que terna suspira, minh'alma extasia!
Teus versos cadentes, sonoros, p'regrinos,
são trenos, são hinos de tanta harmonia!

¹⁰ Ver: *NALLB*, 1878, p. 50; *NALLB*, 1879, p. 57; *NALLB*, 1881, p. LIII; *NALLB*, 1883, p. LXIII; *NALLB*, 1884, p. LXIV; *NALLB*, 1886, p. 53; *NALLB*, 1887, p. 61; *NALLB*, 1889, p. 56; *NALLB*, 1890, p. 60; *NALLB*, Suplemento 1890, p. 16N; *NALLB*, 1891, p. 64; *NALLB*, 1892, p. 76; *NALLB*, 1893, p. 74; *NALLB*, 1894, p. 50.

[...]

Ai! canta inspirada teus doces lamentos,
tens magos acentos, que um triste só pode
num êxtase lendo-os, no verso enlevado,
saltar este brado que aos lábios lhe acode.

Joaquim Elias de Albuquerque Barros (PE: Paudalho)
(*NALLB*, 1879, p. 252)

Logogrifo XXI

À distinta poetisa D. Anália Vieira do Nascimento

*Heróica lidadora do progresso,
A tua voz viril
É que me faz aqui pedir ingresso,
Lidar é tão gentil!
Rival de George Sand, astro formoso,
Com os triunfos teus
O meu coração pulsa de gozo,
Ilude os males seus!
É que a voz d'harmonia esparge flores,
Bafeja os corações,
Quebranta os elos que encadeiam dores,
Infunde almas paixões.*

Luísa Amélia (Paraíba do Piauí – Brasil).
(*NALLB*, 1882, p. 127)

No entanto, uma enorme discrepância marca a fortuna crítica de escritoras e escritores no anuário em estudo: realidade que está patente, desde logo, num importante conjunto de artigos de natureza crítica inaugurado por Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro, no volume para 1872, com o “elogio crítico e biográfico” de Alexandre Magno de Castilho, sobrinho, com quem ele acabara de partilhar a direção da coletânea. Segue-se igual homenagem prestada a Gonçalves Dias, o que indica que Cordeiro se mantinha fiel ao primitivo projeto de estreitamento das relações luso-brasileiras iniciado por Castilho.

Nesta longa seção introdutória, presente nos almanaques seguintes, os editores desenharam o perfil humano, intelectual e literário de 63 figuras

ilustres de Portugal e do Brasil¹¹ naquela época. Dentre as 18 personalidades brasileiras analisadas, sobressaem os escritores do período romântico (Ver CHAVES, 2015, p. 87-103): Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Manuel de Araújo Porto Alegre, Fagundes Varela e José de Alencar, cujas obras são objeto de apreciação crítica. Nenhuma figura feminina foi tratada nessa ampla e prestigiosa seção. Todavia, nas páginas internas do almanaque, tal lacuna foi, parcialmente, sanada por breves abordagens biobibliográficas e críticas de um pequeno número de escritoras. Dentre elas contam-se apenas 7 brasileiras: Adélia da Fonseca, Andradina de Oliveira e Francisca Júlia, — que mereceram a atenção dos próprios editores, — Júlia Cavalcanti, Ibrantina Cardona, Auta de Sousa e Amélia de Alencar, que foram introduzidas pela pena de quatro colaboradores.

Júlia Cavalcanti (Pelotas, 1883-1900) foi apresentada pelo seu conterrâneo Vítor de Castro (*NALLB*, 1892, p. 317-319), que, lamentando o precoce falecimento da escritora gaúcha, pretendeu revelar-lhe o talento através da transcrição dum pequeno texto em prosa intitulado “Ficção” e escrito em 1890. Sobre Auta de Sousa (Macaíba, 1876 - Natal, 1901) há um pequeno artigo assinado por Alba Valdez (*NALLB*, 1903, p. 214) e dado como pertencente ao livro *Em sonho*, que ela publicará no ano seguinte. Tal como Júlia Cavalcanti, Auta de Sousa é vista como um talento ceifado pela prematura morte — “uma estrela que brilha e desaparece, deixando após de si um rastilho de luz” (*NALLB*, 1903, p. 214) — e seus versos comentados em discurso poeticamente semelhante:

Há nos teus versos aquela claridade suave, que inunda o horizonte, ao despertar das alvoradas de maio; a música divina repassada de saudade, que um anjo exilado tange na lira, ao recordar as delícias santas do paraíso. (*NALLB*, 1903, p. 214)

Amélia de Alencar (Ceará, ?) é homenageada por Inês Sabino (*NALLB*, 1906, p. 177-178) que, lembrando tratar-se de uma “sobrinha do grande escritor José de Alencar [e] goza[r] já dum nome muito apreciado nas letras brasileiras” prevê brilhante futuro para a “jovem e talentosa escritora” que vinha publicando “brilhantes artigos, sob o pseudônimo de *Cleópatra de Nisse* em *O Astro*” (*NALLB*, 1906, p. 177), jornal de que era fundadora. Atribuindo-lhe igualmente a fundação da Liga Feminista Cearense, Sabino completa-lhe o perfil com as seguintes afirmações:

¹¹ Comprova-o a homenagem que Adriano Xavier Cordeiro prestou a Machado de Assis nas páginas iniciais do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1910*, que analisei em artigo editado em 2009 (CHAVES 2009, p. 57-67).

Entusiasta por tudo que é grande e útil ao progresso, o seu nobre ideal é elevar na sua terra a Mulher em proveito da Família, da Educação, da Pátria e da Humanidade. Enfim, é boa, nova, inteligente e ativa (*NALLB*, 1906, p. 178)

Bem mais extenso e minucioso é o artigo sobre Ibrantina Cardona¹² (Nova Friburgo, 1868 – São José do Rio Pardo, 1956), assinado por Andradina de Oliveira (*NALLB*, 1901, p. 273-276) apenas com as iniciais A. O.¹³ Precedido pelo seu retrato da homenageada, o artigo a apresenta como “inspirada poetisa [...] Ilustre pelo seu formoso talento, pelos seus dotes morais, pela sua culta educação” (*NALLB*, 1901, p. 273). Como é de praxe na nossa coletânea e característico da crítica literária do Oitocentos e início do século XX, Andradina traça o perfil físico, moral e intelectual da autora de *Plectros*, elenca a sua colaboração em diversos jornais brasileiros e chama a atenção para a boa acolhida desse seu livro de estreia pela imprensa brasileira e portuguesa. Aponta entre outros o juízo elogioso que, sobre os poemas de Ibrantina, foi proferido por Sampaio Bruno, que Andradina considera ser o mais importante crítico literário português do momento. Não se sentindo apta para a mesma tarefa, ela expressa o seu apreço pela poesia de Ibrantina, que define como “poetisa de coração”, que “Canta o Amor, a Saudade, a Gratidão” (*NALLB*, 1901, p. 275). E, colocando-a a par com Francisca Júlia, Narcisa Amália, Julieta Monteiro e outras “já sagradas no batismo das letras” (*NALLB*, 1901, p. 275), conclui augurando que o nome de Ibrantina Cardona “terá o brilho de uma estrela de primeira grandeza” (*NALLB*, 1901, p. 276).

Atenção especial exigem os juízos críticos que foram expressos sobre Adélia da Fonseca, Andradina de Oliveira e Francisca Júlia, por terem saído da pena dos próprios editores.

Na apresentação de Adélia Josefina de Castro Fonseca (Salvador, 18270-1920), Antônio Xavier de Sousa Cordeiro (*NALLB*, 1900, p. 41-42) começa por referir que a escritora baiana fora consagrada no seu país como a “Alorna brasileira” e que Castro Alves a tinha como a primeira poetisa do seu tempo. O crítico junta a uns poucos dados biográficos sucinto comentário sobre o talento de Adélia Fonseca, cuja primeira coletânea de poemas — intitulada *Ecos d’alma* — considera ter “assinal[ado] logo à, então jovem, autora, um lugar dos mais distintos nas letras brasileiras” (*NALLB*, 1900, p.

¹² No artigo, por lapso, referida sempre como “escritora rio-grandense”.

¹³ Essas iniciais são precedidas pela abreviatura de “Dona” (“D.”), forma de tratamento que no almanaque é, de regra, utilizada nos escritos de autoria feminina.

41). Apontando o talento da escritora que, já idosa, “ainda verseja com admirável espontaneidade, e sabe como poucas, e *como poucos*, contornar deliciosamente um soneto, que sai palpitante de inspiração, e perfeitíssimo, da sua pena fácil e privilegiada” (NALLB, 1900, p. 41), Sousa Cordeiro transcreve dois dos seus “magníficos” sonetos.¹⁴

Andradina de Oliveira (NALLB, 1901, p. 209-11) (Porto Alegre, 1878 – São Paulo, 1935) foi objeto de um artigo assinado por A. Xavier Cordeiro,¹⁵ que o fez publicar acompanhado por um retrato da escritora. Como era habitual, o crítico expõe alguns dados da biografia de Andradina, frisando a sua luta para ultrapassar os difíceis problemas que teve de enfrentar. Retrata-a física e moralmente, menciona a sua atividade docente e jornalística, elenca as obras que publicou ou tem prontas, assim como os elogios que tem recebido. E conclui afirmando:

Se a esta dezena de volumes, juntarmos os inúmeros artigos publicados na imprensa jornalística sobre variados assuntos na literatura, polémica e propaganda feminista, crónicas e folhetins humorísticos, poesias dispersas e ainda fadigas do professorado, e os *hors d'oeuvre* do seu diletantismo artístico, poderemos formar tal ou qual ideia da ânsia de trabalho, variados talentos e corajosa iniciativa da jovem e gentil escritora. (NALLB, 1901, p. 211)

O mesmo editor redige um pequeno apontamento crítico sobre Francisca Júlia da Silva (Eldorado,¹⁶ 1871 - São Paulo, 1920) também precedido pelo retrato da escritora (NALLB, 1902, p. 209-211). Omite contudo os seus dados biográficos, à exceção do nascimento em São Paulo. Apresentando-a como “poetisa insigne” (NALLB, 1902, p. 209), A. Xavier Cordeiro assinala a sua precoce estreia com *Mármore* e os prêmios que a obra conquistou. Transcreve fragmentos do elogioso prefácio que nela publicou João Ribeiro — figura de primeiro plano da crítica brasileira — e dois sonetos¹⁷ que entende revelarem “uma poetisa de pulso, de um vigor másculo, cheia de colorido e de sonoridade” (NALLB, 1902, p. 211). Finaliza

¹⁴ O primeiro soneto abre com o verso “Ainda um ano, filha, hoje se escoá”; o segundo com “Da minha vida o mais infausto dia”. Ambos estão na página 42 do referido almanaque.

¹⁵ Alberto Pimentel afirma ser ainda Antônio Xavier de Sousa Cordeiro que “continuou no seu cargo até o ano de 1904, em que faleceu, deixando já impresso o Almanaque daquele ano” (NALLB, 1905: X). Ignora-se, contudo, o que o teria levado a abreviar a sua assinatura.

¹⁶ Antes Xiririca (SP).

¹⁷ O primeiro intitula-se “Os Argonautas” e o segundo, “Musa impassível”.

declarando que, entre as poetisas, Francisca Júlia é “incontestavelmente, a primeira do Brasil, onde aliás florescem talentos femininos de primeira ordem como os de Zalina Robin, D. Júlia Lopes de Almeida, D. Adelina Lopes Vieira e D. Presciliana Duarte de Almeida” (NALLB, 1902, p. 211).

Um segundo e não menos importante espaço de florescimento da crítica literária — e da recepção de escritoras “brasileiras” — na nossa coletânea ganha forma na seção intitulada “Publicações recebidas”, que, inaugurada no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para o ano de 1896 tem, a partir desta data, lugar fixo em todos os que se seguem. O seu lançamento é anunciado pelo editor no ano anterior numa nota intitulada “Ofertas”, em que refere ter recebido e agradecer entre outros livros e periódicos o *Almanaque Fluminense*, da “ilustre colaboradora, a Exma Sra. D. Josefina B.”, a par com a informação de que “doravante d[ará] notícia e apreciação, em seção especial, dos livros que [lhe] forem oferecidos” (NALLB, 1895, p. 96).

Na nova seção foram objeto de apreciação outros quatro periódicos dirigidos por mulheres, sendo dois deles portugueses¹⁸ e dois brasileiros. Do nosso país mereceram atenção *A Mensageira. Revista literária dedicada à mulher brasileira*, editada em São Paulo, e *Escrínio. Revista literária dedicada à mulher rio-grandense* (Rio Grande do Sul).

Lançada por Prisciliana Duarte de Almeida, *A Mensageira* surge no mesmo ano em que é apresentada no almanaque como “importante revista quinzenal [com] excelentes artigos das ilustres escritoras brasileiras D. Maria Clara da Cunha Santos, D. Inês Sabino, D. Revocata de Melo, e versos magníficos de D. Áurea Pires e D. Presciliana de Almeida” (NALLB, 1900, p. LXIX).

Foi, igualmente, objeto de comentários favoráveis *Escrínio*, revista dirigida por Andradina de Oliveira, que o editor celebra como “talentosa escritora [...], cheia de fé e de coragem, na sua propaganda feminista”. Referindo o relançamento do periódico “depois de um período de involuntária interrupção” (NALLB, 1901, p. LXXIX), o crítico considera não haver “Ninguém mais competente para este empreendimento de que a ilustre diretora de *Escrínio* cuja pena elegante e enérgica se tem salientado com brilhantismo nas pugnâncias da imprensa e em prol dos seus ideais” (NALLB, 1901, p. LXXIX).

No anuário do ano seguinte A. Xavier Cordeiro volta a comentar a revista gaúcha, em que diz colaborarem “várias escritoras e poetisas das mais

¹⁸ Os periódicos portugueses são: *Lisboa Elegante* (NALLB, 1903) e *Almanaque das Senhoras* (NALLB, 1914, 1919, 1920, 1921, 1922, 1923, 1925, 1926, 1927, 1928 e 1929).

conceituadas na literatura brasileira” e destaca “Entre os muitos escritos notáveis” desse periódico o “brilhante artigo de D. Andradina de Oliveira acerca de D. Amélia Silveira, a heroica senhora rio-grandense, esposa ultrajada que, em legítima defesa da sua honra e da honra de seu lar, varou com uma bala o coração da sua rival, encontrando-a instalada na sua própria casa!” (*NALLB*, 1902, p. LXXVII), concluindo com o elogio do júri que a absolveu.

Muito numerosas são as publicações examinadas na seção em análise,¹⁹ mas, como é de regra no *Almanaque de Lembranças*, o número de obras de autoria feminina comentadas é ínfimo quando comparado com o de textos de autoria masculina. Para o demonstrar serve a seção de “Publicações Recebidas” dos anuários para 1996 e 1911. No primeiro, são objeto de crítica 2 obras de escritoras portuguesas (Maria Amália Vaz de Carvalho e Cael, pseudônimo de Alice Pestana) e 1 de escritora brasileira (Luísa Amélia de Queirós), a par com 17 de autores lusíadas e brasílicos. No segundo, nenhum volume escrito por uma mulher é comentado, ao passo que somam 44 as críticas a obras de autoria masculina,²⁰ além de duas cuja autoria não é mencionada.

Não seria descabido pensar-se que tal fenômeno pode ser em parte explicado pelo pudor das mulheres em enviar aos editores do nosso almanaque as obras que publicam, mas tal hipótese não condiz com o interesse que demonstram em colaborar na coletânea, como exprimiu uma delas no fragmento que serviria perfeitamente de epígrafe para este ensaio:

[...] quero ter a honra de ver o meu humilde nome neste livrinho d’ouro, o único em que hoje, no nosso Portugal, se veem todos os mais pomposos da nossa literatura. Porque não hão de as mulheres escrever também? (*ALLB*, 1858, p. 283).

Note-se outrossim que não são apenas aquela(e)s que enviam seus textos para os editores os contemplados com apreciações críticas, pois nas páginas do anuário encontram-se comentários a obras de Camilo Castelo Branco, Almeida Garrett, Bocage ou Camões, que foram certamente solicitados por quem as estava republicando, como ocorre ainda hoje com resenhas críticas de jornais e revistas.

¹⁹ O GI 6 coligiu e está preparando a publicação de uma antologia dos comentários das obras que compõem esta seção.

²⁰ Entre essas contam-se duas traduções assinadas pela Duquesa Laureana, já anteriormente (*NALLB*, 1907) identificada pelo editor como autor do sexo masculino.

Cabe ainda observar que, na coletânea em análise, a fortuna crítica das escritoras de Portugal e do Brasil não é semelhante, — diferindo visivelmente da já examinada publicação dos seus escritos, — pois são 51 os comentários referentes a obras de autoras portuguesas e apenas 15 os dedicados às brasileiras, cuja produção literária deixa de ser referida nos volumes editados a partir de 1912, ao contrário do que ocorre com a das escritoras portuguesas.²¹

São apenas 12 as escritoras brasileiras com obras apreciadas pelos editores do nosso almanaque: Alba Valdez (*NALLB*, 1903 e 1908), Áurea Pires (*NALLB*, 1900), Edwiges de Sá Pereira (*NALLB*, 1903), Ibrantina Cardona (*NALLB*, 1899), Inês Sabino (*NALLB*, 1899 e 1901), Júlia Lopes de Almeida (*NALLB*, 1899), Luísa Amélia de Queirós (*NALLB*, 1896), Maria Clara da Cunha Santos (*NALLB*, 1903), Mariana Coelho (*NALLB*, 1904), Prescília Duarte de Almeida (*NALLB*, 1908), Serafina Pontes (*NALLB*, 1905), Rita de Moura (*NALLB*, 1912). Na impossibilidade de analisar as críticas generosamente positivas de que as obras de tais escritoras foram objeto, optei por examinar as de Inês Sabino e Alba Valdez, por terem os seus escritos comentados mais de uma vez.

Antônio Xavier de Sousa Cordeiro dedica particular atenção a Inês Sabino (Salvador, 1853 - Rio de Janeiro, 1911), comentando, no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para 1899, em verbetes distintos duas de suas obras: *Lutas do coração* (*NALLB*, 1911, p. LXIII-LXIV) e *Noites brasileiras* (*NALLB*, 1911, p. LXXIV-LXXV), cujas datas de publicação omite. Lembrando os “excelentes artigos” da escritora baiana publicados quer no nosso anuário, quer noutros jornais brasileiros, a par com fragmentos que leu de obras no prelo, o crítico considera que o notável merecimento de Inês Sabino se confirma no romance *Lutas do coração*, “escrito em bela linguagem, adornada por vezes com as galas de um estilo opulento e brilhante”, cujo enredo de “grande simplicidade, sobreleva especialmente pela delicada observação da alma humana e pelo excelente relevo das figuras” (*NALLB*, 1899, p. LXIV). Elogiando a construção da psicologia da protagonista Ofélia, — pecadora redimida pelo amor e sacrifício, — valoriza as “magníficas descrições” da natureza brasileira, produtos da “arte de bem manejar uma pena” (*NALLB*, 1899, p. LXIV). Igual aplauso obtém *Noites brasileiras*, conjunto de narrativas que Inês Sabino oferece às crianças, cujo “formoso estilo” e “os nobres sentimentos, ali espalhados profusamente dão um precioso esmalte” ao volume (*NALLB*,

²¹ Note-se porém que antes de 1912 anos há anos em que não se encontram apontamentos a respeito de escritoras portuguesas ou brasileiras.

1899, p. LXXIV). Atento à função pedagógica que caracteriza o almanaque, o crítico entende que a escritora demonstra ter compreendido que,

num livro desta índole, cada página devia ser, debaixo de uma forma explicativa e cativante, a apologia dum sentimento generoso, que radicasse no espírito dos inocentes leitores, a que é destinado, o gosto pela virtude e o culto do bem. (NALLB, 1899, p. LXXIV-LXXV).

E conclui afirmando que a escritora baiana realizou com “pleno êxito [...] um livrinho de encantadora leitura, e um repositório de boa moral” (NALLB, 1899, p. LXXV).

Dois anos depois, A. Xavier Cordeiro congratula-se com a publicação de *Mulheres ilustres do Brasil*, “Panteon feminino” que consagra “memórias célebres de brasileiras notáveis”, entre as quais destaca Nísia Floresta, Delfina Benigna, Grácia Ermelinda, Ana Locia, Délia, Maria Ribeiro. Considerando que a obra, produzida “à custa de muito trabalho e aturadas investigações, representa um bom serviço prestado à literatura brasileira” (NALLB, 1901, p. XLV), o crítico observa que:

A cada uma delas a distinta escritora dedica algumas páginas, não só meramente biográficas, mas contendo, em estilo elegante, apreciações rápidas, notas características, e observações críticas, de forma a pôr em relevo os diferentes aspectos das individualidades, a que se refere. (NALLB, 1901, p. XLIV)

Estas observações se aplicam perfeitamente quer a todos comentários sobre Inês Sabino, quer aos publicados sobre Alba Valdez — pseudônimo com que a cearense Maria Rodrigues Peixe (Itapajé²² 1874 - Fortaleza 1962), assinou as duas obras que no almanaque em estudo usufruíram de excelente fortuna crítica: *Em sonho*, cuja data de publicação não é referida, e *Dias de luz*, editada em 1907. Da primeira diz A. Xavier Cordeiro ser:

Um livrinho muito íntimo, e muito feminino [em que] A alma sonhadora e terna da jovem autora acha-se ali fotografada num cento de páginas deliciosas, cheias daquele suave misticismo

²² Antes Vila de São Francisco de Uruburetama (CE).

do coração, que denuncia os temperamentos afetivos e delicados. (NALLB, 1903, p. LVI)

Vendo na estreante “talento auspicioso”, o crítico aponta-lhe contudo um desculpável “senão”: o estilo exageradamente ornamentado. Anos depois, Adriano Xavier Cordeiro saúda a publicação de *Dias de luz* referido como “livrinho delicioso” de uma “escritora de talento” e “requintada sensibilidade”, a quem agora atribui “arte sóbria e elegante”. Sintetizando sabiamente o relato o crítico frisa que Alba Valdez revela qualidades de efabulação ao narrar episódios da sua mocidade e “consegue pôr, na expressão da sua doce visão retrospectiva, todo o sentimento que lhe vai na alma” (NALLB, 1908, p. L). Como é típico da crítica romântica, afirma tratar-se de “livro sincero e espontâneo” e daí advir o seu “primeiro encanto”.

Da sucinta análise da recepção crítica das obras de escritoras brasileiras aqui apresentada é possível extrair algumas conclusões. Criado no século do nascimento da crítica literária como instituição, o *Almanaque de Lembranças* beneficia do progresso geral desse período, que trouxe novos e eficazes meios de divulgação aos diversos tipos de crítica que apareceram, bem como um público mais vasto a quem endereçá-la, devido ao aumento do número de alfabetizados e a um mais alargado acesso à leitura, que, resultante do surto da indústria tipográfica, possibilitou a proliferação de jornais, revistas, edições, e a elevação das suas tiragens.

Tornados importantes divulgadores da literatura periódicos como o nosso anuário abrem espaço para a chamada “crítica jornalística”, breve, superficial, de tom leve, feição subjetiva e, por vezes, polêmica. Atenta sobretudo às últimas novidades editoriais e dedicada a divulgá-las a uma massa de leitores, desejosa de orientação nas suas escolhas, a crítica produzida no *Almanaque de Lembranças*, malgrado a sua prolongada extensão no tempo, não evidencia alterações significativas. Embora o positivismo e o determinismo da segunda metade do século XIX tenham provocado mudanças na avaliação das obras literárias, elas não se notam na coletânea em estudo, que permanece fiel às formas da crítica romântica, aliadas, talvez, àquelas geradas pelas correntes simbolistas ou impressionistas, que exaltavam o alor vital, a intuição, o inconsciente, o instinto, em detrimento da razão, e reagiam contra o cientificismo e o historicismo dos estudos literários, reorientando para o subjetivismo a leitura das obras literárias e produzindo uma crítica impressionista e artística, que recusava não só toda espécie de erudição mas também a utilização de quaisquer métodos e a adoção de uma postura objetiva.

Manifestamente filiados na vertente da recepção valorativa, típica do Romantismo, os editores do *Almanaque de Lembranças* apontaram sobretudo as belezas e invenções das obras das escritoras brasileiras sobre as quais escreveram, assumindo postura ainda mais epigônica, pois característica do Neoclassicismo, ao valorizarem a ação educativa e civilizadora das criações literárias que elas produziram, somada, por vezes, à da sua missão patriótica.

FONTES:

Editor Alexandre Magno de Castilho²³:

Almanaque de Lembranças para o ano de 1851, Paris/Sèvres, Tip. de M. CERF, 1850.

Almanaque de Lembranças para o ano de 1852, Paris/Sèvres, Tip. de M. CERF, 1851.

Almanaque de Lembranças para o ano de 1853, Paris/Sèvres, Tip. de M. CERF, 1852.

Almanaque de Lembranças para o ano de 1854, Lisboa, Imprensa de Lucas Evangelista, 1853.

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1855, Lisboa, Imprensa de Lucas Evangelista, 1854.

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1856, Lisboa, Tip. Universal, 1855.

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1857, Lisboa, Tip. Universal, 1856.

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1858, Lisboa, Imprensa Nacional, 1857.

²³ Bacharel e Matemático pela Universidade de Coimbra.

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1859, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858.

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1860, Lisboa, Tip. Franco-Portuguesa, 1859.

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1861, Lisboa, Tip. Franco-Portuguesa, 1860.

Editores Alexandre Magno de Castilho²⁴ e António Xavier Rodrigues Cordeiro:

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1862, Lisboa, Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa, 1861.

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1863, Lisboa, Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa, 1862.

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1864, Lisboa, Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa, 1863.

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1865, Lisboa, Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa, 1864.

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1866, Lisboa, Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa, 1865.

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1867, Lisboa, Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa, 1866.

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1868, Lisboa, Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa, 1867.

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1869, Lisboa, Tip. Franco-Portuguesa, 1867.

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1870, Lisboa, Tip. Franco-Portuguesa, 1869.

²⁴ Tenente da Armada.

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1871, Lisboa, Lallement Frères Tip., 1870.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1872, Lisboa, Lallement Frères Tip., 1871.

Editor António Xavier Rodrigues Cordeiro:

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1873, Lisboa, Lallement Frères Tip., 1872.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1874, Lisboa, Lallement Frères Tip., 1873.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1875, Lisboa, Lallement Frères Tip., 1874.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1876, Lisboa, Lallement Frères Tip., 1876.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1877, Lisboa, Lallement Frères Tip., 1876.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1878, Lisboa, Lallement Frères Tip., 1877.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1879, Lisboa, Lallement Frères Tip., 1878.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1880, Lisboa, Lallement Frères Tip., 1879.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1881, Lisboa, Lallement Frères Tip., 1880.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1882, Lisboa, Lallement Frères Tip., 1881.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1883, Lisboa, Lallement Frères Tip., 1882.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1884, Lisboa, Lallement Frères Tip., 1883.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1885, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1884.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1886, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1885.

Suplemento ao Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1886, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1885.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1887, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1887.

Suplemento ao Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1887, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1886.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1888, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1887.

Suplemento ao Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1888, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1888.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1889, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1888.

Suplemento ao Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1889, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1889.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1890, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1889.

Suplemento ao Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1890, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1890.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1891, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1890.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1892, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1891.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1893, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1892.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1894, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1893.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1895, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1894.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1896, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1895.

Diretor António Xavier Rodrigues Cordeiro; Redator António Xavier Sousa Cordeiro:

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1897, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1896.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1898, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1897.

Diretor António Xavier Sousa Cordeiro:

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1899, Livraria de António Maria Pereira, 1898.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1900, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1899.

Diretor A. Xavier Cordeiro²⁵:

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1901, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1900.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1902, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1901.

²⁵ O mesmo António Xavier de Sousa Cordeiro, segundo Alberto Pimentel (*NALLB*, 1905: X).

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1903, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1902.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1904, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1903.

Diretor Adriano Xavier Cordeiro:

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1905, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1904.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1906, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1905.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1907, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1906.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1908, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1907.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1909, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1908.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1910, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1909.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1911, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1910.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1912, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1911.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1913, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1912.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1914, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1913.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1915, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1914.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1916, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1915.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1917, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1916.

Diretor O. Xavier Cordeiro:

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1918, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1917.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1919, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1918.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1920, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1919.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1921, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1920.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1922, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1921.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1923, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1922.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1924, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1923.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1925, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1924.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1926, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1925.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1927, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1926.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1928, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1927.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1929, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1928.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1930, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1929.

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1931, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1930.

Diretor Armando de Lima Pereira:

Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1932, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1931.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 2 ed. brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Delta, 1964. 5 v.

CHAVES, Vania Pinheiro. A homenagem do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* a Machado de Assis por ocasião do seu falecimento. *Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 57-67, jan.-jun. 2009.

CHAVES, Vania [Pinheiro]. Notas para o estudo da presença feminina no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. *Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 187-192, jul.-dez. 2011.

CHAVES, Vania Pinheiro. Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo: dois perfis românticos em destaque no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. In: SANTOS, Gilda da Conceição (org.). *O Real em revista. Impressos Luso-Brasileiros oitocentistas*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2015. p. 87-103.

CHAVES, Vania [Pinheiro]; LOUSADA, Isabel. O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Das “Senhoras” e seu editor. In: CIÉSZYNSKA, Beata; SILVA, Fabio Mario da (org.). *Os estudos de gênero na perspectiva ibérica e eslava*. Lisboa: CLEPUL, 2014. p. 395-422.

CHAVES, Vania [Pinheiro] et al. *As senhoras do Almanaque. Catálogo da produção de autoria feminina*. Lisboa: BNP; CLEPUL, 2014.

RODRIGUES, Ernesto. Passatempos de papel. *Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 214-18, jul.-dez. 2011.

Data de recebimento: 26 de fevereiro de 2018

Data de aprovação: 30 de abril de 2018